

UM ESTUDO SOBRE A MANIFESTAÇÃO DA AGRESSIVIDADE EM CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A STUDY OF AGGRESSION MANIFESTATION IN KINDERGARTEN CHILDREN

Josiane Peres Gonçalves¹
Sandra Godoy Martines²

RESUMO: O presente estudo tem por finalidade identificar o entendimento que professoras têm a respeito do comportamento agressivo em sala de aula e como agem diante desse tipo de comportamento. Inicialmente são apresentados dados teóricos sobre conceituação de agressividade, como lidar com esse comportamento e como acontece a agressividade no cotidiano escolar, especificamente na Educação Infantil, para ao longo do texto discutir sobre algumas situações que ocorrem no dia a dia com as crianças e professores. Também foi realizada uma pesquisa de campo de natureza qualitativa, em que as participantes eram 4 (quatro) professoras que trabalhavam em uma mesma instituição pública, sendo utilizado como instrumento entrevistas semiestruturadas. Os resultados indicam que as professoras entrevistadas possuem entendimento a respeito do conceito agressividade, que se tem uma grande preocupação com os alunos que demonstram esse tipo de comportamento e sinalizam sobre como lidar com a família para sanar esta problemática.

PALAVRAS-CHAVE: agressividade, educação infantil, criança, família.

ABSTRACT: This study aims to identify the comprehension that teachers have about the aggressive behavior in the classroom and how they act on such behavior. Initially, theoretical data on aggressive concept, how to deal with this behavior and how the aggression happens in daily school life, specifically in kindergarten, are presented. For throughout the text discuss some situations that occur every day with children and teachers. Also a qualitative field research was conducted, in which the participants were four (4) teachers who worked in the same public institution, using semi-structured interviews as a tool. The results indicate that the interviewed

¹ Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Mestre em Psicologia Social e da Personalidade pela mesma instituição. Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Desenvolvimento, Gênero e Educação (GEPDGE). Professora Ajunta da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Naviraí. Mato Grosso do Sul, Brasil. josianeperes7@hotmail.com

² Graduada em Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Naviraí, Mato Grosso do Sul, Brasil. juciellisimoies12@hotmail.com

teachers have understanding about the aggression concept, which has been a major concern with students who demonstrate such behavior and show on how to deal with family to fix this problem.

KEYWORDS: aggression, early childhood education, child, family.

Introdução

No contexto atual, em função de vários debates nas instituições da Educação Infantil sobre desenvolvimento, limites, indisciplina, destacam-se nessa pesquisa as características agressivas apresentadas em crianças nesse ambiente, uma vez que acontece com frequência em seu cotidiano. Nesse contexto, considera-se necessário a relevância do tema, pois cada dia mais a agressividade vêm se tornando incontrolável, interferindo nos encaminhamentos de sala de aula.

Em um estágio curricular realizado durante o curso de graduação, foi possível perceber que algumas professoras não têm um estilo próprio de lidar com o comportamento agressivo, ou seja, a cada agressividade da criança há uma forma diferente para corrigir. Como não há uma maneira específica de trabalhar, surgiu o interesse em melhor compreender sobre essa problemática, visto que na Educação Infantil é um período importante de desenvolvimento e aprendizagem das crianças. Assim, busca-se aprimorar os conhecimentos por meio de estudos bibliográficos e mediante realidade descrita pelas professoras entrevistadas.

Dessa forma, o presente estudo teve o intuito de analisar como os professores lidam com as crianças agressivas, teve por objetivo identificar o entendimento que professoras têm a respeito do comportamento agressivo em sala de aula e como agem diante desse tipo de comportamento.

A abordagem teórica pauta-se em autores como: Ferreira e Wiezzel (2008), Madeira (2010), Pietro e Jeager (2008), Gagliotto, Berte e Vale (2012), França e Yaegashi (2005) e Santos (2008) entre outros. A organização da abordagem teórica consiste em primeiramente fazer uma análise sobre o conceito de agressividade, em seguida são feitas reflexões sobre comportamentos difíceis e a criança em seu cotidiano, finalmente se discute sobre a rotina e agressividade na Educação Infantil.

O que é agressividade

Durante a fase de desenvolvimento da criança, especialmente

entre 0 e 5 anos de idade, muitos comportamentos se fazem presentes de forma mais intensa e com o passar do tempo costumam ser amenizados. É o caso, por exemplo, da agressividade que é algo comum para todos os indivíduos, uma das causas mais frequentes é que aos seres humanos possuem reações negativas diante dos “nãos” que são recebidos na sua vida cotidiana, resultando em agressividade. No entanto, algumas crianças reagem de uma forma mais tranquila e ao logo do tempo o comportamento agressivo costuma diminuir, enquanto que para outros pode resultar em consequências desagradáveis e desfavoráveis.

A agressividade pode se manifestar de diversas maneiras, contra si e contra os outros, pois esta relacionada a um sentimento de resistência contra o que lhe foi imposto e desta forma acredita ser atendida a sua vontade. Vale ressaltar que é comum para as crianças de 0 a 5 anos, pois estão aprendendo a conviver com o controle dos seus instintos (FERREIRA e WEZZEIL, 2008).

Para França e Yaegashi (2005), desde bebê as crianças já manifestam o comportamento agressivo, a criança pode ter reações mais ou menos agressivas como, por exemplo, demandar, reclamar, exigir, bater os pés, gritar, entre outras. Também Ferreira e Wiezzel (2008) acreditam que a agressividade tem como objetivo causar danos, podendo ser físicos, psicológicos ou ainda morais e que geralmente os atos agressivos não são a verdadeira expressão de raiva, mas sim desvio de outros sentimentos como mágoa, insegurança, entre outros.

Alguns autores, como Santos (2008), postulam que a criança já é agressiva desde quando nasce e que a agressividade nesta fase é inofensiva. Ao passar do tempo, o comportamento agressivo torna-se inaceitável pela sociedade. Oliveira, Loch e Silva (2005) enfatizam que a agressividade não é traço de personalidade, portanto, não existem crianças agressivas, o que existe são crianças que cometem atos agressivos, o correto é dizer que a criança está agressiva.

Para Glaglioto, Berte e Vale (2012), falar sobre agressividade, geralmente é confundido com a falta de limites: a agressividade é um instinto dos seres humanos, que quando se sentem ameaçados tomam a reação de agressão, a falta de limite é adquirida com o passar do tempo, uma vez que é aprovado o comportamento, sempre a criança vai buscar cada vez mais ser autônoma sobre uma situação.

De acordo com Madeira (2010), existem alguns fatores para a criança se tornar agressiva, visto que ela não nasce assim, mas pode-se tornar.

Algumas situações podem contribuir para a existência da agressividade: o fato da criança observar ou conviver com a violência, a culpa ou o orgulho que ela é estimulada a sentir após praticar a violência e os níveis de frustração e raiva que ela sente. Existem várias formas de agressão, como ações físicas ou verbais e ambas são cruciais para o desenvolvimento da criança, pois reduzem a autoestima. Nesse sentido, o referido autor postula que ao punir a criança não é preciso dar palmadas, o importante é reprovar o seu comportamento diante da circunstância da agressividade.

Para Locatelli (2004), a criança com comportamento agressivo normalmente quer demonstrar algo como falta de atenção, dificuldade de adaptação, sentimento de raiva, insegurança, ansiedade. Sendo assim, há necessidade de compreensão por parte do adulto diante de uma situação de agressividade da criança, para que ela não seja prejudicada.

Lidando com comportamentos difíceis

Os estudos referentes aos comportamentos das crianças, afirmam que pode dispor de conhecimentos muito importantes sobre as ações dos pais, educadores entre outros interessados na prevenção do desenvolvimento do comportamento agressivo. Um exemplo muito claro é quando a criança apanha dos pais excessivamente. A criança fica exposta as violências constantemente em seu cotidiano e as brincadeiras turbulentas podem ajudar a aumentar a agressividade.

Desde Albert Einstein, já se preocupava com a guerra, com a violência, destaca autores que é de suma importância se trabalhar o comportamento da criança na pré-escola, sendo assim se trabalho a prevenção do comportamento agressivo de um adulto futuramente (VIEIRA, 2007, p. 5).

Apesar de toda agressividade das crianças, é necessário analisar o seu histórico social e sua cultura de convivência na sociedade. O comportamento antissocial se entende por uma evasão do que outra pessoa impõe para a criança, como regras, com disciplinas severas para sua idade, sendo assim a criança pode acarretar falta de aprendizado e eventualmente o comportamento agressivo.

Para Vieira (2007), esse tipo de comportamento, o agressivo, varia

muito de pais para pais. Se eles forem estressados, do tipo que gritam muito com os filhos, há uma tendência de os filhos se espelharem nos pais, tornando-se assim uma pessoa com o comportamento não aceitáveis socialmente. A criança que convive com outras mais velhas, ou irmãos com comportamentos agressivos, ao observar e conviver com essas atitudes, a criança tende a começar a agir da mesma maneira. Vale ressaltar que, para Vieira (2007), a maior parte do comportamento antissocial se deve aos pais, e a quem tem a guarda da criança, uma vez que, se ela faz birra, se joga no chão, chora, e o adulto acaba cedendo às suas “chantagens”, fazendo o que a criança deseja, ela acaba usando essas atitudes para conseguir o que quer.

Segundo Ferreira e Wiezzer (2008), para muitas crianças de 0 a 5 anos o comportamento agressivo é normal, pois estão aprendendo a lidar com seus impulsos entretanto, não se pode dizer que a criança necessita de alguma atenção específica, ou seja, não há a necessidade de se procurar um tratamento para a mesma ou um “diagnóstico”. Pois, com o tempo a agressividade tende a diminuir.

Shirahinge e Higa (2004) explica que conforme o tempo vai passando a criança que nasce com um impulso denominado por Freud de Id, constrói duas estruturas importantes em seu desenvolvimento: o Ego e o Superego. O primeiro é responsável pelo contato com o ambiente com a realidade externa, enquanto que o segundo representa mais o ideal do que o real, tende a perfeição do que o prazer, bloqueia o impulso. Cunha (2008), ao comentar sobre esses conceitos da teoria psicanalítica, explica que o ID é entendido como as características atribuídas ao sistema inconsciente, é regido pelo princípio do prazer que visa apenas o prazer do indivíduo. O Ego é o sistema que estabelece o equilíbrio entre as exigências do id, a verdadeira personalidade, que decide se acata ou não as decisões do Id ou do Superego. Por fim, o Superego origina-se a partir da internalização das proibições, dos limites e da autoridade. É algo além do ego, que fica sempre censurando. É como se estivesse o tempo todo dizendo que isso não está certo ou que não se deve agir assim, sendo, portanto um freio que controla as ações das pessoas.

A partir dessas ideias é possível compreender a agressividade da criança, visto que ela ainda não tem internalizada as normas aceitáveis no contexto social em que está inserida, e é muito comum os seus impulsos serem controlados pelos adultos, que ficam repetindo sobre o que a criança pode ou não fazer. Evidentemente se ela é controlada o tempo todo, há uma tendência de externalizar mais frequentemente a agressividade. Com

o tempo, a criança passa a compreender o que é aceitável ou não, o que é permitido ou proibido, tendo o controle dos próprios comportamentos, sem haver a necessidade de outras pessoas ficarem dizendo sobre o que podem ou não fazer.

A criança no cotidiano

No cotidiano atual os pais vêm se mostrando cada vez mais desleixados com a educação de seus filhos, as famílias não têm tempo para estar presente na vida dos filhos, de acompanhar o seu desenvolvimento infantil, sendo entendida como uma fase essencial de definição de caráter. Diante disso, a criança se sente desprezada e assim se torna às vezes agressiva para chamar a atenção de alguém para ela (PIETRO; JAEGER, 2008).

Quando ocorre uma reclamação do filho na escola por comportamento agressivo, os pais não aceitam ou até mesmo ignoram o que lhe foi dito pelos professores, sendo assim não basta apenas a escola tentar intervir na situação, é necessário o apoio da família. Existem na realidade dois contextos: em casa as crianças aprendem de forma natural e em contextos reais, sendo que suas atividades têm uma atitude e uma funcionalidade imediata. Na escola, ao contrário, a aprendizagem é formal, deliberada, consciente não supõe um contexto imediato de uso. (COLL; MARCHESI; PALACIO, 2004).

No entanto, tanto a escola quanto a família necessitam de uma comunicação para intermediar a educação dos seus filhos. Gagliotto, Berte e Vale (2012) ressaltam que os pais muitas vezes não têm conhecimentos sobre as consequências da falta de autoridade e de afeto. Dar limites a eles é dar segurança. Portanto, pode-se destacar que os pais não querem punir os filhos, pois assim acreditam que estão suprimindo a sua ausência que ocorre, porém, o que de fato estão proporcionando aos mesmos, uma insegurança diante do mundo e de outras pessoas.

Atualmente as crianças se sentem ameaçadas e a única defesa que têm em mãos é a agressividade. Nesse sentido, o mecanismo de defesa reage diante das circunstâncias em que elas percebem algum tipo de ameaça, especialmente diante de mudanças que ocorrem, como por exemplo, quando começa a frequentar a escola, quando os pais se separam, quando nasce um irmão, entre outras. Carrara (2004, p. 185), cita outras situações em que a criança pode desenvolver agressividade, é no caso de seus bens pessoais serem dados a alguém sem o seu consentimento. “Ela

sente-se frustrada, não em seu desfrute das coisas, mas em sua pessoa. Coloca-se o problema da apropriação, e muitas vezes, conclui que a força faz a lei: se dominar a outra pessoa, ela poderá pegar.” Deste modo, a criança passa a ter a visão de propriedade e se alguém quiser retirar algo de si, sua reação será de agressão, pois entende que ao utilizar a agressão terá uma solução para o seu benefício. Também Galvão (2004) salienta que as crianças se irritam em: disputas de brinquedos e objetos com outro sujeito, em disputa por um espaço ou para ocupar um lugar, se irritam nas competições por não aceitar perder, ou seja, situações do cotidiano da criança fazem com que expresse a agressividade.

Considera-se que a criança no ambiente ou com outro indivíduo desconhecido ou até mesmo familiar, quando ocorre algo que ela queira, seja um brinquedo ou atenção para si, ela tende a ter comportamentos agressivos. Diante de tal situação, é importante destacar que de acordo com Carrara (2004), para cada ação há uma reação e que a criança não se tem o comportamento agressivo em vão, ela sempre está querendo dizer algo.

Para saber entender como lidar com comportamento agressivo, há a necessidade de prestar atenção na criança e distinguir os comportamentos normais, em seu cotidiano, daqueles com excesso de agressividade, para assim trabalhar a melhoria de suas ações em situações de interações sociais.

A rotina e agressividade na educação infantil

Em geral os professores se sentem despreparados diante dos comportamentos agressivos, por não saber sobre a melhor forma de lidar com a situação, ou ainda sentem a necessidade de melhor compreender a problemática, para saber como agir diante das reações agressivas dos alunos. A agressividade prejudica a aprendizagem por interferir no encaminhamento das atividades coletivas que são realizadas em sala de aula.

Vale ressaltar que as crianças ingressam muito cedo nas escolas e nem sempre esse processo é tranquilo, porque a criança não está preparada para a mudança de hábito. Para ela, a mudança é muito radical, porque deixou um ambiente que já estava acostumada, passando a ter que interagir em um novo espaço e com pessoas desconhecidas. Enquanto não se adapta à rotina escolar, a criança se sente desconfortável e insegura, externalizando esses sentimentos por meio de reações agressivas. Porém, para a criança esse comportamento não é prejudicial, tendo em vista que ela está apenas se protegendo de algo desconhecido (MADEIRA, 2010).

Na escola, a frequência de conflitos entre as crianças pode aumentar se não houver espaço para brincadeiras. Outro motivo é quando a competição é estimulada em excesso no ambiente escolar, sem a explicação de que todos são igualmente capazes. Cabe lembrar que onde costumam ocorrer esses casos com maior frequência é nas creches, porque há muitas crianças para poucos brinquedos. Apesar de que a criança por seu instinto ela busca, na maioria das vezes, querer o que é de outra criança.

De acordo com Madeira (2014), é necessário haver uma rotina bem planejada para que não haja conflitos, pois uma atividade mal preparada pode acarretar falta de opções para a criança, ocorrendo à agressividade. Sendo assim, é necessário que se desenvolva atividades com dinamismo e criatividade que envolva a criança. Porém, conforme a sua faixa de idade, ela não fica envolvida por muito tempo, pois se concentra por alguns minutos e logo já dispersa, querendo fazer outras coisas.

Nesse sentido, Bondioli (2004, p. 97) afirma:

A organização no cotidiano da pré-escola é geralmente pensada em relação a duração total de atividades da rotina, das atividades didáticas e das situações de brincadeira livre a articulação temporal do dia a dia educativo é frequentemente entendida, sobre tudo em relação ao equilíbrio entre os três diferentes tipos de situações: as rotinas não deveriam ocupar a maior parte do dia, as atividades educativas deveriam garantir uma variedade de experiência cotidianas, o dia não deveria ser tão desprovido de planejamento educativo a ponto de ser essencial caracterizado como uma longa situação de brincadeira livre de tipo recreativo.

É preciso que as atividades educativas sejam diversificadas e de acordo com as necessidades das crianças, sem ficar muito tempo realizando as ações rotineiras. Assim, os alunos tendem a se ocupar por mais tempo, evitando as reações agressivas para com os colegas e professores. Porém, por mais que se organizem as ações educativas, as emoções infantis podem aflorar e a criança voltar a demonstrar algum tipo de comportamento agressivo. Por exemplo, durante as brincadeiras, as crianças costumam ser agressivas porque existe o instinto de competitividade e uma pode querer para si o brinquedo de outro colega de sala. Nesse caso, a professora precisa orientar as crianças para que aprendam a lidar com essas situações cotidianas

do espaço escolar.

Pietro e Jaeger (2008) sugerem que é importante os professores entenderem o que se passa com a criança, tentando identificar as causas do comportamento agressivo. Muitas vezes pode se tratar de situações temporárias como um conflito que esteja passando em casa, separação de pais, nascimento de um irmão, mudança de escola, entre outras situações inusitadas que podem influenciar o emocional e conseqüentemente o comportamento da criança. Nesse caso, cabe à professora auxiliar junto com a família a estudar um modo de se amenizar a agressividade da criança.

No caso da escola, muitas vezes o próprio espaço disponível para as crianças influenciam em seus comportamentos, como por exemplo, se o espaço de convivência ou de estudo for limitado, há uma probabilidade maior de despertar nas crianças as reações agressivas.

Também é importante afirmar que a professora tem um papel importante no que se refere a controlar os impulsos da criança e principalmente não deixar que ela se sinta uma pessoa má e temida pelas outras crianças. Um exemplo que pode ser utilizado pela professora é estimular a usar corretamente os dentes, explicar que os dentes servem para morder os alimentos, e não as pessoas, sempre demonstrando de maneira significativa para que não volte mais a repetir comportamentos inaceitáveis, como morder outra criança.

Metodologia

Para a realização do presente trabalho foi realizada primeiramente levantamento bibliográfico, sendo selecionados alguns autores como Ferreira e Wiezzel (2008), Madeira (2010), Pietro e Jaeger (2008), Gagliotto, Berte e Vale (2012), França e Yaegashi (2005) e Santos (2008), entre outros, para nortear o encaminhamento da pesquisa.

Em seguida foi realizada coleta de dados em uma Escola Municipal de Naviraí MS, sendo utilizado como instrumento entrevistas semiestruturadas, caracterizando-se assim como uma pesquisa de natureza qualitativa. Ao se referir sobre esse tipo de investigação, Gil (2002, p. 17) argumenta que:

A pesquisa é desenvolvida mediante o concurso dos conhecimentos disponíveis e a utilização cuidadosa de métodos, técnicas e outros procedimentos científicos. Na

realidade, a pesquisa desenvolve ao longo de um processo que inúmeras fases, desde a adequada formulação do problema até a satisfatória apresentação dos resultados (GIL, 2002, p. 17).

Participaram do presente estudo 4 (quatro) professoras de Educação Infantil que trabalhavam em uma mesma escola, sendo que a escolha da instituição foi por conveniência e o critério para selecionar as professoras foi de que todas deviam em algum momento ter trabalhado com alguma criança, cujo comportamento era considerado agressivo. Para preservar a identidade das entrevistadas, elas foram identificadas com nomes fictícios, cuja idade, formação e tempo de atuação são assim caracterizados:

- a) Professora Tania – 35 anos de idade, formada em Pedagogia, atua há 13 anos;
- b) Professora Luzia – 34 anos de idade, formada em Pedagogia, atua há 9 anos;
- c) Professora Flavia – 30 anos de idade, formada em Pedagogia, atua há 6 anos;
- d) Professora Silvana – 30 anos de idade, formada em Pedagogia atua há 5 anos.

Para a realização da coleta de dados, após contato prévio com a direção da escola e posteriormente com as professoras, foi agendado um horário e local que fosse mais adequado para as participantes da pesquisa. Assim, duas entrevistas foram gravadas na residência de casa uma das professoras e as outras duas foram gravadas na escola, no horário de hora atividade, sendo todas realizadas individualmente. Os dados coletados por meio das entrevistas semiestruturadas foram transcritos, sistematizados e analisados, cujos resultados são apresentados na sequência.

Resultados e discussões

Para a organização dos resultados, coloca-se inicialmente o assunto questionado, em seguida as repostas de todas as professoras, para então discutir os dados, relacionando com a literatura. Assim, inicialmente foi questionado sobre a trajetória como profissional da educação, se em algum momento tiveram crianças agressivas em suas salas de aula e, em caso afirmativo, que comentassem sobre essa experiência. Todas afirmam que

sim, conforme as seguintes respostas:

Sim. As crianças que apresentavam esses comportamentos, elas apresentam agressividade tanto com adulto e crianças com a mesma faixa etária de idade. Então eles não aceitam carinho, não aceitam se relacionar, os modos deles se relacionar eram na base da agressividade, ora bate, ora morde, belisca ou tira os brinquedos dos outros, essa é a maneira que eles se relacionam (TANIA).

Sim, já tive. Isso as vezes é bem natural, normal para a gente observar porque na Educação Infantil a gente trabalha com o processo de avaliação, é mais observando mesmo, a gente tem que estar muito próximo a criança, então isso a gente já observa de imediato. Por exemplo, nos primeiros dias a gente já consegue, na adaptação, a identificar o comportamento da criança, como as crianças são... Isso facilita bastante para a gente e a gente busca saber junto com a família porque a criança é agitada, saber o relacionamento dessa criança com a família (LUZIA).

Sim. Quando eu iniciei tinha uma criança muito agressiva que se batia, mordida, os amigos arrancavam os cabelos e todo dia tinha uma reclamação dela e um registro no caderno (FLAVIA).

Sim. Já tive uma criança agressiva e não sabia com lidar com essa criança, pois essa criança batia sem motivo, mordida os coleguinhas e era no começo de minha carreira, eu me sentia totalmente sem saber como agir, mas com o passar do tempo fui estudando o melhor jeito de lidar com essa criança (SILVANA).

Todas as professoras já tiveram crianças com comportamentos agressivos, tanto que a Luzia considera normal este comportamento na Educação Infantil. Conforme Santos (2008), a agressividade infantil é uma característica normal na fase inicial do desenvolvimento do indivíduo, porém o professor deve estar sempre atento porque comportamentos agressivos podem aflorar a violência entre as crianças.

Silvana descreve que realmente é uma situação complicada, pois no começo de carreira não se tem base nenhuma de como lidar com esse

comportamento e muitas vezes são criticadas por certas atitudes, ou seja, se é rígida com a criança é criticada e se não é, também recebe críticas. Na verdade isso ocorre devido à insegurança do início de carreira e o professor fica sem saber como agir diante de situações relativas à agressividade das crianças. Nesse sentido, Ferreira e Wiezzel (2008) afirmam que muitas vezes o professor por não saber lidar com esses comportamentos acaba piorando ou aumentando o problema.

As professoras foram questionadas sobre as características de uma criança agressiva. De acordo com Tania, “Elas têm vários aspectos, você pode ver no comportamento, possuem atitude de bater ou de ser rude, tem agressividade na fala, ele não escuta, ele fala palavras agressivas, eles nunca interagem de forma amigável.” As demais professoras assim explicam:

Depende, na Educação Infantil é meio complicado. A gente caracteriza a agressividade porque tem as fases e na Educação Infantil que elas estão formando a personalidade e passando por essa fase se tem possessividade pelos objetos, eles querem que sejam tudo dele... Então, isso dificulta um pouco e essa relação com outra às vezes pode ser confundida com agressividade, como na hora de dividir um brinquedo, compartilhar algo, é uma forma de defesa. As vezes é agressividade sim, as vezes uma forma de defesa mesmo, fase do egocentrismo (LUZIA).

[...] pelo comportamento dela, quando a gente tá explicando uma atividade ela não presta atenção, ela quer ficar saindo de sala de aula para ir beber água, ir ao banheiro, com os amigos ela não tem uma conversa amigável é sempre com um tapa, soco, belisco e pelo comportamento é uma criança inquieta dentro da sala (FLAVIA).

Pelo modo de agir com os colegas e com as professoras, é uma criança inquieta, não aceita carinho ou se aceita é aquilo um pouco e sai correndo de perto. Vamos dizer que é uma criança “arisca” e está sempre respondendo, não obedece ao que a gente diz para ela, está sempre desafiando (SILVANA).

Entre as professoras entrevistadas, três têm opiniões semelhantes por considerar que as atitudes de uma criança como morder, chutar, beliscar

e dar tapas são considerados comportamentos normais nesta faixa etária de 2 anos. Nesse sentido, Ferreira e Wiezzel (2008) mencionam que as crianças estão aprendendo a se defender e a única forma de se expressar é a agressão.

Por outro lado, a Professora Luzia entende que a agressividade nessa faixa etária está relacionada com a formação da personalidade da criança, sendo que costuma agir com agressividade diante das circunstâncias que não está de acordo com seu gosto. Ou melhor, a criança quer que tudo aconteça de sua maneira e rejeita as proibições impostas pelos adultos durante o processo de formação do superego, conforme Cunha (2008). Não é algo fácil porque é preciso controlar os impulsos do id e são muitas as proibições impostas às vontades da criança, resultando muitas vezes em agressividade.

Para as professoras, as crianças têm as mesmas características, como bater, morder, beliscar e chutar, exceto para a Luzia, pois ela considera nesta faixa etária de idade é habitual este comportamento, devido ao egocentrismo. Ou seja, a criança em uma determinada idade passa pelo período caracterizado pela teimosia, pois ainda não compreende que faz parte de uma sociedade, imaginando que todo o mundo gira em torno de si mesmo. Dessa forma, é viável transcrever a afirmação de Pietro e Jaerge (2008, p. 231):

Uma criança que morde os amigos até dois anos de idade não pode ser rotulada como agressiva. Ela ainda não sabe usar a linguagem verbal e a linguagem corporal acaba sendo a mais eficiente. A criança nesta fase é egocêntrica e acredita que o mundo funciona e existe em função dela.

O que a professora Luzia descreve, vem ao encontro com o que os autores relatam, pois nesta fase a criança busca tudo para si e, se por acaso algum amigo quiser interferir, ela reage com a agressividade. Trata-se de uma forma de defesa e de fazer com que ninguém tire algo dela. Pietro e Jaerge (2008) entendem que até dois anos a criança não deve ser rotulada como agressiva, significando que a partir dessa idade é preciso ter um olhar mais cauteloso e tentar entender o porquê da agressão cometida pela criança.

As professoras foram indagadas sobre o porquê ou o que leva uma

criança a ser agressiva. Tania responde: “Porque tem alguém perto para ser observado, algumas coisas que não estão legais, alguma coisa que está acontecendo com ele que você tem que investigar, para tentar sanar para que se torne um adulto melhor.” Já a professora Luzia menciona novamente sobre o período de formação da personalidade da criança, que muitas vezes pode resultar em agressividade.

Na Educação Infantil ela tem isso, formação de personalidade, é uma fase que está se formando sua personalidade, o que ela vai transmitir futuramente. Nesta fase toda reação dela é espelhada em tudo que ela convive, não que isso seja psicologicamente determinado, pode haver casos que a criança tem seu EU próprio, se a criança vive em um ambiente agitado onde vê agressividade de muita imposição de rigidez, ela vai se expressar em forma de agressividade (LUZIA).

A professora Flavia assim afirma: “Eu penso que vem sempre de uma criação dependendo de uma criação, se os pais cobra um comportamento em casa na escola será do mesmo jeito, ele chega com outro comportamento na escola.” A Silvana acredita que estão diversificados os motivos que levam uma criança a ser agressiva.

Por vários motivos, muitas das vezes é sistema de defesa do mesmo, pois está só sem seus entes queridos, pai e mãe, pode-se dizer, seu porto seguro. Então sua única alternativa é a agressividade. Porém existem outros casos que é algo que a criança está demonstrando que não está bem, que precisa de ajuda (SILVANA).

De acordo com as participantes da pesquisa, algumas crianças com comportamento agressivo precisam de ajuda, sendo importante que o profissional da educação analise as atitudes e também observe a criança, pois quando se torna repetitivo, pode significar que algo não está normal, em seu cotidiano familiar ou escolar.

Luzia descreve que quando a criança é agressiva muitas das vezes se espelha em alguém, ou seja, ela transmite o que presencia. Assim, se a criança convive com adultos violentos que se comunicam com agressividade, poderá reproduzir o mesmo modelo, ou o que ela vivencia. Nesse caso, pouco adianta a professora trabalhar o certo, conversar com a criança, porque

a família é que deve dar continuidade, visto que a criança não convive socialmente apenas na escola, a maior parte do tempo a criança convive em âmbito familiar. Nesse sentido, Santos (2008, p. 5) enfatiza:

Para entender a agressividade infantil é preciso entender a subjetividade do indivíduo inserido na sua problemática. Isto significa considerar o contexto historico-social de forma individual, única. É preciso que sejam avaliados aspectos da criança e da família, tais como: idade, sexo, estrutura familiar, condições socioeconômicas.

Baseando-se nas ideias do autor, é possível afirmar que são várias as situações que podem influenciar no comportamento agressivo de uma criança e, sendo assim, não se pode analisar a agressividade isoladamente e sim entender o que está acontecendo no contexto social em que essa criança está inserida.

Ao comentar sobre como as entrevistadas lidavam com o comportamento agressivo dentro de sala de aula, elas evidenciaram que algumas adotam posturas semelhantes, como fazer uma triagem em relação ao cotidiano da criança.

[...] fazer investigação primeiro passo, você tenta trazer a criança para o seu lado, segundo passo a família, você tem que trabalhar com a família, e não desistir porque a família não aceita e muitas vezes o problema já vem da família. Então você tem que trabalhar muito, insistir muito em relação à família, que a criança é mais fácil de lidar, mas tem a mudança da família (TANIA).

[...] uma criança agressiva na minha turma, na minha sala, eu procuro assim no imediato naquele momento conversar com ela. A gente procura resolver ali, porque como eu falei é uma fase deles, você pode estar resolvendo em sala de aula com os outros, dividindo objetos na hora do lanche, compartilhando biscoito, mas também pode não ser... Então eu procuro conversar com a família, informar a família que seu filho tá agressivo, procuro saber como é o seu comportamento em casa, como ele se relaciona com os outros colegas fora da escola... E a partir desse relato, leva para a coordenação

para a gente estar estuando qual a melhor forma pedagógica de envolver essa família junto a nos, para estar solucionando o problema (LUZIA).

Flavia diz: “Bem, no primeiro momento eu tento resolver dentro de sala de aula, tento resolver uma, duas vezes. Na terceira eu já converso com o pai e mãe, se caso ocorrer novamente, já passo para a coordenação.” Já a Silvana considera: “Primeiro observo o comportamento se é uma atitude do cotidiano dela ou se é uma reação de defesa, em seguida converso explico o que está certo ou errado e se por acaso não resolver, converso com os pais e na sequência levo para coordenação.”

Todas relataram que primeiramente conversam com a criança e que é muito importante saber o cotidiano de cada uma, para assim saber lidar com os comportamentos desses alunos. Também consideram que é importante haver a participação da família no decorrer do ano letivo, pois não basta apenas levar e buscar a criança na escola e sim procurar saber sobre o filho, como está indo na escola, o seu comportamento e desenvolvimento escolar. Portanto, assim a criança percebe direta ou indiretamente a atenção que os pais estão tendo para com ela e essa atitude é relevante conforme relata Locatelli (2004, p. 52), “[...] comportamento agressivo constante é sinal que algo não vai bem com a criança, e desta forma o filho tenta chamar a atenção tanto dos pais quanto dos professores. Sendo assim, eles utilizam a agressividade para isso ocorrer”. Mais uma vez a agressividade vem como refúgio para as crianças, pois elas não têm articulações a serem usadas e assim utilizam a agressividade para expor algo que desejam, chamando a atenção da família.

Foi questionado se diante dos comportamentos agressivos, se as professoras costumam a pedir ajuda. Tania relata: “Sim, eu peço principalmente ajuda da família e solicito que a mesma procure ajuda de profissional, como: psicólogos, e em alguns casos, até o neurologista, dependendo da situação.” A Luzia responde da seguinte forma:

Uma das principais ajuda que eu acho de muita importância é da família, é tudo se a gente conseguir envolver e conscientizar a família que a criança está tendo problema, que ela precisa de ajuda, que a gente precisa de tratar diferente, que você precisa ter outro comportamento. A escola sozinha não vai conseguir porque fora do ambiente escolar ele tem outro ambiente

social, familiar, ele não vive só na escola. Se conseguir envolver a família é 90% o problema está solucionado.

Flavia diz: “Primeiramente os pais e depois a coordenação.” Silvana vem consolidar as respostas das demais professoras: “Sim, primeiro para os pais e sequentemente para a coordenação da escola.” Levando em conta as opiniões das professoras entende-se que é relevante o envolvimento da família no cotidiano escolar da criança, como Luzia relata que 90% da problemática costuma ser solucionadas mediante interação com a família. Assim, pode-se afirmar que professores e pais devem servir como exemplo para as crianças e por mais que elas demonstrem ser agressivas, são apenas crianças que necessitam da ajuda, do carinho e da paciência dos adultos. Segundo Ferreira e Wiezzel (2008), não é com punição que se deve reagir diante da agressividade de uma criança e sim mediante a conversa, em um tom sério que demonstre a autoridade e deixe claro que o ato que ela comentou não agradou.

Ao comentar sobre como os pais reagem em relação à agressividade dos filhos na escola, as professoras mencionam que os pais não costumam aceitar logo no início. A Tania, por exemplo, relata que primeiramente é feita uma triagem para saber sobre o cotidiano da criança e também tenta conquistar sua confiança, dando maior atenção para a criança. Caso não tenha nenhum resultado, então a escola comunica os pais sobre o assunto, para que eles façam os devidos encaminhamentos.

O pai tem que procurar um profissional responsável para ajudá-lo, nesse caso, você sempre vai orientando o pai. De início o pai não aceita, então você sempre tem que estar trabalhando, pois é um trabalho contínuo, tem que estar cobrando, conversando com jeitinho, sem magoar, e vai falando “Pai, vamos procurar ajuda, é bom para o seu filho, é bom para você, vai ser bom no futuro.” E também agora na Educação Infantil, ele ainda não está totalmente alfabetizado, ele está no mundo letrado que é diferente. E já no Ensino Fundamental ele vai precisar de mais concentração e geralmente as crianças com muita agressividade tem pouca concentração, então uma coisa leva a outra se não começar a sanar isso, aí começa o desenvolvimento de outra coisa (TANIA).

Antes de informar aos pais, tem que estudar uma forma

de levar esse problema até eles porque dependendo da forma que é colocada, eles levam um choque e também a maioria não aceitam. No entanto, você tem que ser bem maleável. Eu não informo para os pais que seu filho está agressivo, eu sempre questiono como a criança está em casa, se tem relação com outras crianças no ambiente social. “Você já observou ele, como é o comportamento dele, se ele é agitado ou não?”. Busco saber em relação aos pais se são separados, ou se na gestação a mãe teve alguma complicação... Nunca falo de imediato que a criança está com problema, pois temos que analisar o que a criança está demonstrando, se é uma angústia, anseio, é sentimental... A criança ou tá bem ou ela tá mal (LUZIA).

Geralmente é aquele caso assim: “Já conversei em casa, já falei que não pode bater nos amigos e não responder a tia na escola...” Sempre tem uma história por trás do comportamento agressivo da criança, porque está passando por uma situação em casa ou aconteceu alguma coisa na família. Sempre tem uma justificativa por trás, a criança nunca é quietinha em casa e na escola ela é agressiva, já vem de casa (FLAVIA).

Procuro conversar aos poucos ir interrogando, questionando algumas coisas relacionadas à criança e depois comunicar sobre o filho com está agindo na escola, pedir para conversar em casa e ficar no pé dos pais, para amenizar a situação (SILVANA).

Algo importante que a Luzia menciona é sobre a preocupação em comunicar aos pais sobre o assunto, pois alguns ficam chocados e não aceitam a realidade que está acontecendo com seu filho, dificultando assim a solução do problema. Pode-se entender que os pais não querem ver o lado ruim de seus filhos e se por acaso ocorre alguma reclamação, simplesmente eles tendem a ignorar no início. Porém, a agressividade, dependendo da idade, é algo preocupante devido ao processo de formação da personalidade da criança e se o adulto não impuser limites, com o passar do tempo poderá resultar em comportamentos violentos. Portanto, trata-se de um trabalho de parceria e contínuo da escola e da família, pois sem a família a escola não consegue resultados significativos e vice versa.

Durante as entrevistas, as professoras relataram sobre algum fato

marcante em sua experiência profissional, em relação a comportamentos agressivos de uma ou mais crianças em sala de aula. Assim elas descrevem:

Atuo na Educação Infantil há 13 anos. Tive vários casos, um específico até mais recente... Já vi casos de crianças que foi abusada e nós descobrimos. Por essa situação de mudança de comportamento, crianças em caso de separação dos pais, com isso eles mudaram gradativamente o comportamento. Já teve muitas crianças que também tiveram outros transtornos psíquicos que foram detectados por esse comportamento. Eu tinha uma criança de 3 anos que ela não aceitava que ninguém sentasse ao meu lado, porque ela batia, mordida, ela tinha meio que uma posse. “Ela é minha professora e de mais ninguém!” Então, depois, no final do ano foi detectado um transtorno dela. Hoje encontro, ela já está moça, medicada e não tem isso. Nós tivemos outra situação, outra criança extremamente agressiva que a família não tomava para si a responsabilidade, então foi assim, uma luta árdua da escola com essa família, foram várias reuniões e só teve êxito no final do ano. Hoje ela frequenta a APAE e faz uso de medicamentos, tem o tratamento adequado, já está alfabetizada, graças a Deus, então era uma situação que não tinha concentração, extremamente agressiva e vivenciava isso na família, e família não fazia por onde auxiliá-la (TANIA). Tinha uma menina bem no início da minha carreira, eu fui trabalhar com essa criança e eu não entendia muito bem de início, sem experiência, e essa criança era super agressiva tanto com os colegas quanto com os professores. Ela batia, mordida, fugia da sala, ela mordida a coordenadora e todos que chegassem perto dela para conversar. Foi aí que resolvi fazer um levantamento histórico da criança, onde vimos que tudo que ela fazia na escola era o que ela vivia fora, era de família humilde, foi abandonada pela mãe, morava com a avó e o pai bebia muito e quebrava tudo dentro de casa. Então ela tinha uma vida muito conturbada, ia para escola sem tomar banho e assim fomos mudando com ela nas atividades, sempre envolvendo mais ela, procuramos sempre dar mais oportunidades e assim foi dando

resultados. Ela ficou mais carinhosa, ficava em sala de aula, não fugia... Então o caminho é dar atenção, a solução não é só o psicólogo, será que um psicólogo iria resolver? (LUZIA).

Sim, uma menina que sempre batia, mordida arranhava, mas o histórico dela era bem turbulento porque ela era uma criança adotiva, os pais deram porque não queriam mais a criança, porque eram usuários de drogas. Todo dia tinha que conversar com a mãe adotiva, foi quando a mãe adotiva tirou da escola porque não aguentava tanta reclamação da criança, ela preferiu tirar a criança porque como ela era mãe adotiva, tinha e de procurar outros meios de ajuda para a criança ou ia acabar perdendo a guarda da mesma. (FLAVIA)

Sim, um menino onde ele batia, mordida dava soco, mas depois de muita conversa com a mãe e a avó e com ele mesmo, foram amenizando sua agressividade, porém ele não parou totalmente com a agressividade (SILVANA).

Tânia relata uma história muito curiosa, em que se evidencia a necessidade de um professor estar atento aos seus alunos. Por outro lado, fica a questão de como os professores podem estar atento às necessidades de seus alunos, com salas de aulas tão numerosas, em que ensinam, mas que muitas das vezes desempenham também os papéis de pais, mães, psicólogos e não recebem nada por isso. Porém, muitos professores dominam estas funções extras, devido ao compromisso com o trabalho realizado com as crianças que precisam tanto de sua atenção, quanto do ensino dos conteúdos curriculares.

Pode-se perceber mediante as falas das professoras, que é preciso ter prudência, pois as vezes nem os pais ou responsáveis não são capazes de entender a dimensão que o comportamento agressivo pode representar. Como Tânia relata, às vezes vai muito além de comportamentos agressivos, porque descobriram posteriormente que a criança tinha um distúrbio, sendo tomadas então as devidas providências. Se por acaso essa criança não tivesse na turma de uma professora atenta, será que esse caso teria esse desfecho ou continuaria sendo entendido apenas como comportamento agressivo? Em contrapartida, a Luzia diz que a solução é dar carinho e vale destacar mais uma vez o professor deve ficar atento diante dos comportamentos. Sem dúvida, atitudes de carinho são importantes, porém se não resolver o

problema, deve-se procurar outras formas de encaminhamentos.

Para finalizar, as professoras tiveram possibilidade de comentar ou até fazer alguma sugestão de como lidar com comportamentos agressivos na Educação Infantil.

Para lidar com a agressividade, não podemos estar sozinhas precisamos de parcerias com os pais e coordenação. Acredito que a escola tinha que ter um projeto para poder trabalhar com os pais na escola, pois se todo dia o pai receber reclamação do seu filho ele cansa e acaba tendo o mesmo pensamento da mãe da menina e retirando da escola. Já passei por três escolas e nenhuma tem um projeto desse tipo, não sei dizer como seria esse projeto, mas teria que ter, porque a gente trabalha dentro de sala de aula os comportamentos e regras, mas para a criança agressiva isso se torna rotina e não adianta de nada (FLAVIA).

Referente às respostas das professoras nenhuma fez possíveis sugestões sobre o tema, a não ser a Flavia que considera ser importante ter um projeto que trabalhe a agressividade na escola junto com a família e coordenação. Talvez a professora até se sinta despreparada para agir com tais comportamentos, como já havia citado é muita função para uma só pessoa. Portanto, como crianças com comportamentos agressivos sempre terão nas escolas, é importante haver algum tipo de apoio tanto para auxiliar ao professor, quanto para o bem da própria criança.

O professor deve estar preocupado com a criança agressiva, mas a escola deve ser um lugar onde possamos encontrar base e nos fortalecer para lidar com diversidade e multiplicidade de comportamento de cada criança. No entanto, a escola também está frágil, ela não consegue ajudar a criança agressiva. Isto se deve a diferentes fatores tais como: falta de profissionais qualificados e multidisciplinares como psicólogos, psicopedagogos, gestores; desmotivação de funcionários e professores; falta de alto-avaliação, etc. (BITTENCOURT, 2004, p. 3).

Para o autor é de grande relevância que a escola esteja lado a lado do professor para dar o apoio necessário, visto que os docentes não têm apenas a função de ensinar, envolvendo também questões relacionais e de comportamento das crianças. Diante disso, o professor fica com um acúmulo de funções, ficando desmotivado ou sem ter tantas condições de ajudar às crianças que precisam de sua ajuda, especialmente quando os comportamentos agressivos denunciam problemas maiores, de âmbito familiar ou do seu contexto social.

Considerações finais

Por meio da pesquisa realizada, pode-se perceber que a agressividade é cada vez mais comum no cotidiano escolar e social, sendo necessário que os professores estejam atentos para identificar possíveis problemas que estão causando o comportamento agressivo. Às vezes pode ser considerado natural ou próprio da idade, outras vezes a agressividade pode representar problemas maiores, sendo necessário haver alguma forma de encaminhamento.

No que se refere à opinião das professoras pesquisadas, pode-se constatar que por terem trabalhado com crianças, cujos comportamentos eram considerados agressivos, elas entendem sobre o assunto, evidenciando preocupação diante dos alunos que demonstram esse tipo de comportamento. Elas também explicam sobre os cuidados que se deve ter ao comentar com a família, para que em parceria possam resolver as causas que geradoras do problema.

Assim, pode-se destacar a importância da família neste contexto, pois é essencial que a criança se sinta protegida e segura. Pode até parecer que a criança é um ser que não sabe de nada o que acontece ao seu redor, porém ela percebe quando tem algo errado, especialmente em sua família. Por exemplo, em um processo de separação dos pais, por mais que se tente esconder da criança, ela sabe o que está acontecendo e se sente insegura. Então, passa a demonstrar comportamentos agressivos, para chamar a atenção, sendo esta uma forma de denunciar que está estranhando a mudança em seu estilo de vida.

Quanto aos pais às vezes eles consideram normal, dizem ser apenas birra e com sua ausência de responsabilidade deixam a criança fazer o que quer, para assim suprir a sua ausência. No entanto, com o passar do tempo, a criança vai criando uma autonomia sobre si, e quando os pais quiserem ter

o domínio sobre ela, será tarde, pois passou a fase de construção de caráter, tornando-se mais difícil de trazer para o convívio social.

Portanto, é importante que tanto a família quanto a escola estejam atentos aos comportamentos agressivos da criança, para que as consequências pessoais e sociais não sejam ainda maiores. É preciso identificar o problema e tomar as devidas providências para resolver o quanto antes as causas e, conseqüentemente, possibilitar que a criança volte a ter um melhor convívio em seu contexto social.

Referências

BITTENCOURT, A. D. S. *Agressividade fatores que influenciam negativamente a conduta da criança*. Gravataí/ RS, 2004.

BONDIOLI, A. (Orgs.) *O Tempo no Cotidiano Infantil*, São Paulo: Cortez, 2004.

CARRARA, K. *Introdução a Psicologia da Educação: seis abordagens*. São Paulo: Avercamp, 2004.

COLL, C., MARCHESI, A., PALACIOS, J. *Desenvolvimento psicológico e educação*. 2. ed., Porto Alegre: Artmed, 2004.

CUNHA, M.V. *Psicologia da Educação*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

FERREIRA, D. L.; WIEZZEL, S. C. A. *Agressividade infantil: entre os fatores emocionais e ambientais*. Presidente Prudente: UNESP, 2008.

FRANÇA, L. S; YAEGASHI, R. F. A agressividade na infância: um estudo sobre suas causas e consequências. *Iniciação Científica Cesumar*, vol. 07, n.01, jan./jun., 2005, p. 11-18. Disponível em: <<http://www.cesumar.br/pesquisa/periodicos/index.php/iccesumar/article/viewFile/98/313>> Acesso em 12 de mar. 2014.

GAGLIOTTO, M. G.; BERTE, R.; VALE, V. G. Agressividade da criança no espaço escolar: uma abordagem psicanalítica. *Reflexão e Ação*. Santa Cruz do Sul, v. 20, n. 1, jan./jun., 2012, p. 144-160.

GALVÃO, I. *Cenas do Cotidiano Escolar: Conflitos sim, violência não*. Petrópolis:

Vozes, 2004.

GIL, C. A. *Como Elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.

LOCATELLI, C. *Agressividade Infantil: relax e reprogramação emocional para crianças: um guia para pais, educadores, professores e futuros pais*. 2. ed., São Paulo: Sucesso, 2004.

MADEIRA, A. M. *Agressividade infantil é ligada a dificuldade de se expressar*. São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.minhavidacom.br/familia/materias/11216-agressividade-infantil-e-ligada-a-dificuldade-de-se-expressar>> acesso em 19 de fev. 2014.

OLIVEIRA, N. M.; LOCH, L. F.; SILVA, S. W. A relação de afeto desafeto em família de crianças com comportamento agressivo. *R. de Pesq.: cuidado é fundamental*, Rio de Janeiro, ano 9, n.1/2., 1./2. sem. 2005, p. 23-30.

PIETRO, P. P.; JAEGER, P. F. Agressividade na infância: análise psicanalítica. *Visão Global*, v.11, n. 2, jul./dez., 2008, p. 217-238.

SANTOS, E. F. Agressividade infantil: possíveis causas e consequências. *Revista Científica Eletrônica de Psicologia*, ano VI, n. 11, nov., 2008, p. 1-11.

SHIRAHIGE, E. E; HIGA, M.M. *A contribuição da psicanálise à educação*. São Paulo: Avercamp, 2004.

VIEIRA, M. T. *Fatores de aprendizagem social, comportamento agressivo e comportamento lúdico de meninos pré-escolares*. 2007. 100f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Universidade Católica de Goiás, 2007.

Data de recebimento: 19.12.2014

Data de aceite: 01.04.2015